



VERÃO CLÁSSICO — MASTERFEST I

**Vähälä, Nebolsin, Hoffman,
Quero, Pinto-Ribeiro**

CCB, Lisboa, dia 1

Com a bravura da sua performance no histórico violino Guadagnini de 1780, a finlandesa Elina Vähälä foi uma das mais destacadas convidadas da 3ª edição do Verão Clássico, o evento concebido e dirigido por Filipe Pinto-Ribeiro. Durante o mês de agosto, trata-se do único festival de música clássica em Lisboa, uma iniciativa que anualmente tem levado ao CCB reputados músicos vindos de orquestras de Berlim, Paris, Viena, Munique e Helsínquia. Com as suas magníficas interpretações de peças de música de câmara, Elina Vähälä escolheu o "Trio com piano nº 1, Op. 49" de Mendelssohn para rematar a Festa de Abertura, ocasião em que esteve acompanhada pelo pianista russo Eldar Nebolsin e pelo violoncelista norte-americano Gary Hoffman. Esta peça e todas as obras de Mendelssohn não podiam ser tocadas na Checoslováquia durante a II Guerra Mundial, tal como nos conta o escritor checo Jirí Weil em "Mendelssohn no Telhado", livro onde narra um episódio passado durante a ocupação do exército hitleriano: a música de compositores judeus não podia ser tocada no país ocupado, nem se podia contemplar a estátua de Mendelssohn colocada no telhado da Academia de Música de Praga (o "Rudolfinum"), pois Heydrich dera ordem para ser retirada do lugar onde se encontrava, ladeada pelas estátuas de Bach, Handel, Mozart e Beethoven. Integrada num agrupamento de instrumentistas onde se contavam outros ilustres músicos como Pascal Moraguès (clarinete), Corey Cerovsek (violino), Isabel Charisius (viola) e Filipe Pinto-Ribeiro (piano), Vähälä também interpretou a "Abertura sobre Temas Judeus, Op. 34" de Prokofiev, uma peça de 1920 que, pelo título e temática, nunca poderia ter sido tocada nos territórios ocupados pelos nazis. De Mozart, o "Quarteto com oboé, KV. 370" revelou à assistência que esgotou o recinto a arte de Ramón Ortega Quero, oboísta oriundo da 'fábrica de talentos' da West-Eastern Divan Orchestra de Barenboim. Com o seu duelo em "Drei Romanzen, Op. 94" de Schumann, o oboísta espanhol e o pianista Pinto-Ribeiro deliciaram a assistência pela forma como o caos crepuscular das lúgubres texturas românticas foi aniquilado pela luz da interpretação. / ANA ROCHA